

CARTOGRAFIAS. FUGAS E FLUXOS DO PENSAR

Fabiane Olegário¹

Trajeto cartográfico

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E, vai-se sempre muito leve.
E, eu não sei o que penso
Nem procuro sabê-lo
(Fernando Pessoa)

Escritas traçadas pelos(as) alunos(as) que escapam facilmente, pois não se deixam capturar, quiçá porque se puseram a praticar exercícios de liberdade. Bailam sobre as mesas dos(as) alunos(as), habitam as portas e paredes internas dos banheiros dos(as) estudantes e das salas de aula. Infinitude de letras que agrupadas parecem querer saltar da porta, da parede e da mesa, e geralmente estão em tamanhos ousados; surgem na parede no fundo da sala e (ou) nas posições laterais da sala de aula e (ou) nos espaços internos da Escola.

Devir-letras que parecem brotar no meio de uma atividade escolar, e faz com que lápis e canetas escrevam nos versos dos trabalhos avaliativos. Experiências de escrita que embarcam cheias de vida e cores, traçando novas potências do devir.

Escolher a cartografia como um método que tem como base a experimentação é de certo modo “dar ao pesquisador, a possibilidade de acompanhamento daquilo que não se curva à representação” (AMADOR; FONSECA, 2009, p.30). Partindo da teorização de Deleuze e Guattari (1995), que formulam o conceito de cartografia, assinala-se que “se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado a uma experimentação ancorada no real” (p.22). Mapa labirinto, com múltiplas entradas e saídas. Trajetos imprevisíveis.

Cartografar, para Deleuze e Guattari, se configura como um procedimento de registro e análise que consiste em separar as linhas - linhas moleculares- das linhas que preservam a ordem instituída. A leitura de mapas, antes de ser uma leitura técnica de decalques naturais, sociais e culturais, é uma leitura de diagramas que produzem formas de ver o mundo historicamente construído (BENEDETTI, 2007). “Numa cartografia, pode-se apenas marcar os caminhos e os movimentos com coeficientes de chance e perigo. É o que chamamos de ‘esquizoanálise’, essa análise das linhas, dos espaços, dos devires” (DELEUZE, 1992, p.48)

O verbete cartografar no sentido dicionarizado significa “um conjunto de operações científicas, técnicas e artísticas para a elaboração de cartas geográficas e *mapas*” (FERREIRA, 2004, p.41, grifo meu). Em outras palavras, o mapa como instrumento da representação de um todo estático. Na contramão do significado dado pelo dicionário, Suely Rolnik (1989) aponta a cartografia como uma definição provisória, pois ao mesmo tempo em que desmancha certos mundos, abre-se para a formação de outros mundos.

O processo cartográfico “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido [...] concebê-lo como uma obra de arte”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.12). A cartografia se entrega ao plano rizomático produzindo conjuntos de heterogêneos, que, por sua vez, extraem das multiplicidades a singularidade de pensar, intervir e produzir a vida, pois a “vida é rizoma, e pode ser percorrida em diversas direções, sendo reinventada em cada viagem e por cada um que a percorre” (ROMAGNOLI, 2009, p.172). O rizoma diferente do modelo da árvore consiste na proliferação do pensamento, pois, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.15).

Na perspectiva rizomática, o processo cartográfico adquire velocidade no seu meio ao realizar outras conexões, bifurcações e construções de trajetos, sobretudo, porque ousa subverter o caminho previsto. Contrariando o percurso baseado na linearidade, a cartografia articula-se às andanças rizomáticas, pois produz novas e inesperadas direções. O conceito rizoma possibilita pensar na direção oposta da metáfora do sistema arborescente. Encontro em Lins (2005) palavras que ajudam a compreensão do conceito de rizoma ao apontar que:

Rizoma não é árvore. A árvore define o território, o crescimento vertical e a identidade do ser. O rizoma é horizontalidade que multiplica as relações e os intercâmbios que dela se originam. A vida assim compreendida é um contínuo fluxo e refluxo, potência de interação e produção de sentidos. (p.1232)

A pesquisa na perspectiva cartográfica implica em uma prática que requer a inversão do modelo de pesquisa cunhada pela ordem do método científico que tem suas raízes fincadas no paradigma moderno “que possui como sustentáculos a razão, a objetividade e a busca de uma verdade” (ROMAGNOLI, 2009 p.166). Com objetivo de representar o objeto e coletar os dados, “o método daria acesso a uma realidade ou verdades absolutas, sendo mais importante a meta no final do que o caminho” (BOCCO, 2009, p.62).

Desse modo, a pesquisa apoiada no método científico considera que o saber/conhecimento/verdade se aninha no berço da racionalidade moderna, que sustentada pela lógica cartesiana do pensamento acomoda-se em territórios predeterminados, “que

baseada em esquemas de eficácia e rendimento conquista um espaço absoluto, impondo-se como força hegemônica” (ROMAGNOLI, 2009, p.166).

Por sua vez, a cartografia deixa de se interessar pelos pontos fixos, abandonando a pretensão de revelar a verdade. Neste sentido, possibilita ao pesquisador “desencadear um processo de desterritorialização no campo da ciência, para inaugurar uma nova forma de produzir o conhecimento” (MAIRESSE, 2003, p.259), “sempre inacabado em vias de fazer-se” (DELEUZE, 1997, p.11).

Método ou Invenção? Arriscando possíveis respostas, encontro nas palavras de Kirst e Andreoli (2003) uma pista de que “a cartografia não determina em si uma metodologia, porém, antes, propõe uma discussão metodológica que se atualiza na medida em que ocorrem encontros entre sujeito e objeto” (p.92). Todavia, cartografar se configura mediante o encontro com alguma ‘coisa’. O encontro pode ocorrer ou não, o que dependerá de ser ou não afetado, visto que “cartografar é deixar se afetar por forças, movimentos, direções, tendências” (SORDI, 2003, p.149).

Trata-se de um processo rizomático que expõe a cartografia na direção oposta da operacionalização puramente coletora de dados externos. Não lhe interessa realizar apontamentos e, tampouco, ‘aplicar’ os dados enquanto produtores de verdade. Ao contrário, está comprometida no processo da produção dos dados desde a sua etapa inicial, sugerindo que a realidade é construída através da intervenção do pesquisador. É isso a que se refere Kastrup (2007)

Procuramos demonstrar que a produção dos dados ocorre desde a etapa inicial da pesquisa de campo, que perde assim o caráter de uma simples coleta de dados. É preciso sublinhar que esse processo continua nas etapas posteriores, atravessando a análise subsequente dos dados e a escrita dos textos, continuando ainda com a publicação dos resultados. (p.21)

A cartografia subverte a ordem da linha reta que, esticada de um ponto a outro, se encontra presa e imobilizada pelo trajeto que pressupõe um início e um fim pré-determinado. O propósito da cartografia está na experimentação que “não consiste em redescobrir o eterno, o universal, mas em encontrar as condições sob as quais algo novo é produzido” (SILVA, 2004, p. 16).

Cartografar, segundo propõe Kastrup (2007) visa, “acompanhar processos”, apostar na riqueza das pistas e na intensidade dos rastros que “investiga um processo de produção”. Sobretudo, esta prática indica a necessidade de estar “à espreita”, dos acontecimentos a sua volta, embora “não certo de ter um encontro” (DELEUZE, 2006a). Nesta perspectiva, “a cartografia ocupa-se de um plano movente, interessando as metamorfoses e anamorfoses tomadas como processo de diferenciação” (AMADOR; FONSECA, 2009, p.33).

Desse modo, a prática de pesquisa não é dada *a priori*, mas é construída no caminhar. Bocco (2009) em relação a esta ideia sublinha que “não há *a priori* que não seja histórico no mundo, nem em nós mesmos, sempre há construções a partir de jogos de força” (p. 39).

O movimento investigativo se constitui como uma possibilidade de experiência e invenção, tratando daquilo que diz respeito a passagens de afectos. A cartografia está implicitamente relacionada à capacidade de afectar e afectar-se durante o processo. Em relação aos afectos, eles não são sentimentos, nem afetos, “remetem a velocidades que arrombam o fechamento previamente para as identidades” (RODRIGUES, 2006, p.74).

Ao produzir a pesquisa com a participação de outras pessoas, incitou novos movimentos, sobretudo porque passamos a “partilhar da mesma prancha para enfrentar os perigos e as calamidades das superfícies a serem atravessadas” (ZORDAN, 2004, p.113).

Com o grupo de professoras e funcionárias que formado na escola, nomeado como ‘bando de pesquisa’, pode-se experimentar o processo sempre de maneira instigada e curiosa. Traçamos de forma implicada a criação do trajeto. Quando se partilha no coletivo as vivências da cartografia, agrupa-se a vontade de desmontagem do *kit* ‘Verdade’.

Cartografar, segundo propõe Kastrup (2007) visa, “acompanhar processos”, apostar na riqueza das pistas e na intensidade dos rastros que “investiga um processo de produção”. Sobretudo, esta prática indica a necessidade de estar “à espreita”, dos acontecimentos a sua volta, embora “não certo de ter um encontro” (DELEUZE, 2006a). Nesta perspectiva, “a cartografia ocupa-se de um plano movente, interessando as metamorfoses e anamorfofes tomadas como processo de diferenciação” (AMADOR; FONSECA, 2009, p.33).

Linhas de pesquisa passam a compor “o território existencial, o modo de existência de cada um de nós, e também possibilitam que se exerça a invenção” (ROMAGNOLI, 2009, p.170), tendo como “função retirar o sujeito de si mesmo, de fazer com que ele não seja mais o mesmo, [...] para migrar, recriar, potencializar outras vivências, outras diferenças” (LOPES, s/d e s/p).

Experiência de escrita que desfaz as armadilhas identitárias, criando outras rotas e direções, produzindo brechas para a “invenção de uma possibilidade de vida, de um modo de existência” (DELEUZE, 1992, p.126).

Acompanhando Larrosa (2002), a experiência requer tempo para pensar, olhar, escutar, sentir e silenciar. Implica pensar que não se trocam experiências como se trocam as figurinhas de um álbum, porque, consiste em um exercício que conta com a velocidade de singularidades, exercitando cada molécula do corpo.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (...) nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (p.21)

Os fluxos que conjugam a cartografia como territórios da experiência procuram agenciá-la ao tempo para, então, conquistar a demora que permite o olho a ver os ínfimos detalhes. Tempo para prender o olho no pequeno, naquilo que não costumamos ver. Tempo para desarrumar a casa, para então dispor de novas combinações. Experiências de um tempo contemporâneo são prejudicadas pelas marcas do efêmero que constituem a vida instantânea, fazendo com que nada nos aconteça. Tempo acelerado que restringe e cancela a possibilidade de experienciar. Vida baseada pelos excessos de informação e de opinião anula as possibilidades de invenção.

Dar passagem às experiências, abrir as brechas para a instalação de novos encontros é “relacionar antes de tudo a ideia de travessia e, secundariamente, a ideia de prova”, pois, “a experiência é em primeiro lugar um encontro, uma relação com algo que se experimenta” (LARROSA, 2002).

Compreender as experiências como únicas e singulares me possibilita, enquanto cartógrafa, dizer ‘sim’ à escrita do diário de campo. Com outras palavras, permito-me às aventuras da escrita, brinco com os traços de cada letra inventando mundos e desfazendo outros, pois a escrita do diário se dá de maneira ensaística, visto que o lugar da escrita é no ensaio, pois este é da ordem da criação, da experiência e da própria transformação, suspendendo todo o juízo (LARROSA, 2004).

Como seguir com a pesquisa? Quais seriam as estratégias para investigar as escritas marginais? De que modo operar a cartografia? Sozinha ou em grupo? Que dispositivos necessitaria colocar em operar a fim de potencializar a força criativa? Permaneceriam os recursos de fotografia e fotocópias? Incluiria mais algum? Que rumos tomariam a pesquisa, após o seu primeiro voo? (Diário de campo).

Os encontros com o bando (leia-se grupo de professores e funcionários formados na Escola) e com os traçados escritos dos alunos provocaram composições que, embevecidas pelas linhas moleculares, conectaram-se à experiência de escrita, cuja reunião de elementos agenciados permitiu-me sentir afetada. No encontro com os rastros de escrita engendrou-se a pesquisa, que “não trata de convencer, nem de vencer quem quer que seja, mas de produzir um sentido partilhável, interessante, que forneça algo a pensar” (SILVA, 2004, p. 33).

Interessante paradoxo! O silêncio da escola traz consigo algo ensurdecidor. Estranheza. No entanto, é na composição deste cenário aparentemente silencioso, através da sonoridade

muda, que ainda posso ouvir os ruídos vindos dos corredores, das salas de aulas, de todos os cantos. Alunos(as) e professores(as) deixaram de ocupar os espaços determinados. Encontro-me aparentemente sozinha, percebo que estou acompanhada do instável silêncio que tomou todos os espaços. Estamos misturados, eu e o silêncio de grito mudo que traz mobilidade aos insistentes pensamentos que vão e vêm. “Solidão povoada” de Deleuze. Grito mudo que traz o canto de Josefina (Diário de campo)

Interessante notar que não escrevemos a partir do nada, visto que escrever exige a preposição “com”. Bando. Multidão. Matilha. Encontros povoados. Escrever diz respeito às conjugações, às conexões e aos agenciamentos provocados pelos devires.

Há uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas de encontros. Um encontro é talvez a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo desta solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se pessoas (e às vezes sem jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, entidades. (DELEUZE; PARNET, 1998, p.14).

O processo cartográfico inspira a necessidade de estar atento, desperto e desacomodado. Sobretudo, porque requer “atenção sensível, para que possa enfim, encontrar o que não conhecia, embora já estivesse ali como virtualidade” (KASTRUP, 2007, p.21). O conceito de virtual segundo Deleuze (2006b), “não se opõe ao real apenas ao atual” (p.298).

Tomando o conceito de virtualidade, Zourabichvili (2004), a partir das teorizações deleuzianas, vai afirmar que o virtual “é a insistência do que não é dado. Apenas o atual é dado, inclusive sob a forma do possível, isto é, da alternativa como lei de divisão do real que atribui de imediato minha experiência a certo campo de possíveis” (p.117).

Operar com este conceito na pesquisa cartográfica implica em afirmar a potência da trajetória, pois remete à produção dos dados, visto que os mesmos não são dados. Com outras palavras, o virtual trata de tecer as linhas da cartografia, pois engendra os fios que compõem as muitas possibilidades de pensar. Neste sentido, o “cartógrafo é guiado pelas direções indicadas por qualidades inesperadas e pela virtualidade dos materiais” (KASTRUP, 2007, p.21).

Nada garante a intensidade de um encontro, aliás, de não saber como será o encontro com as escritas e com as pessoas e tampouco por onde começar, nesse sentido é preciso lançar os dados. Jogo que expõe a força do imprevisível, pois nunca sabemos o resultado de um encontro, visto que “não há garantias de um bom encontro. Pelo contrário existe também o risco de produzir efeitos de estagnação” (RODRIGUES, 2006, p.86).

Deleuze, em sua leitura interessada sobre Baruch Spinoza (1632-1677) assinala que no bom encontro nossas forças vitais são positivamente potencializadas, porque produz alegrias.

Maus encontros geram a despotencialização da força provocando tristeza. Com outras palavras, os encontros, “determinam a existência”.

Todo o encontro resulta do poder de afectar e de ser afectado. Alguns encontros produzem um “aumento de potência dos corpos, enquanto outros uma diminuição da potência do agir.” (SCHÖPKE, 2004, p. 97-98) . Trata-se de brotar e proliferar a ação que se dá pelo “aumento da nossa potência, uma noção comum aos dois corpos pode ser formada, de onde decorrerão uma ordem e um encadeamento ativo das afecções” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.169).

Cruzamentos formados por inúmeras inquietudes foram escritos no diário de campo, que é utilizado por mim enquanto recurso metodológico da pesquisa. Esta forma de anotação escrita é pensada a partir da noção do dispositivo, cujo movimento de escrever, ler e pensar possibilita acompanhar e acolher novos encontros tecidos na experiência, que vão dando o tom, o ritmo e a musicalidade à pesquisa.

Além disto, o diário de campo também permite a processualidade cartográfica. Forças que dobram o pensamento a fim de operar na tessitura dos fios que compõem o mosaico das escritas, “favorecendo a liberação do pensamento dos efeitos estratificadores” (RODRIGUES, 2006, p.32). A estratégia cartográfica encontra no diário de campo o dispositivo para a invenção. Trago as palavras de Kastrup e Barros (2010) para compor o entendimento acerca das linhas dispositivas que neste trabalho encontra potência nos traços escritos no diário, cujo “[...] processo de criação e o trabalho do pesquisador, do cartógrafo, se dá no desembaraçamento das linhas que o compõem [...] trabalhar com dispositivos implica-nos, portanto com um processo de acompanhamento de seus efeitos, não bastando apenas pô-lo a funcionar”. (p.79)

A metodologia cartográfica requer o uso do diário de campo para tornar esta abordagem possível. Escrita do diário entendida como dispositivo da proposta metodológica da cartografia, visto que:

[...] não pretende relatar tudo da vivência de quem escreve, ele é apenas um traço feito de notas e experiências que se mantém longe da linguagem científica, optando por uma linguagem mais literária que permite a expressão de planos difíceis de serem colocados em uma linguagem técnica ou apenas descritiva. (BOCCO, 2009, p.66)

Ao registrar as pistas cartográficas no diário de campo, não contava com a preocupação em utilizar a linguagem formalizada. Simplesmente escrevia o que me perturbava, alegrava e entristecia durante o processo. Perseguindo esta perspectiva, traçava as linhas de escrita implicada em teias de afecções, considerando a força dos intercessores que

acionam gatilhos, no sentido de proliferar novos pensamentos que se agitam através das produções de escritas.

A escrita no diário de campo não se configura como algo técnico e automatizado: não se trata de reproduzir o objeto para, então, avançar à próxima etapa que consistiria em descrever os contornos do objeto, após sistemática observação. Escrever cartograficamente implica escrever ensaiando novas possibilidades de reinventar mundos.

Para Larrosa (2006), “tanto o ensaio como o diário, obedecem à mesma regra que o relato de formação: a busca (talvez impossível) de um sentido, de uma direção, de um itinerário pessoal” (p.189). A escrita no diário, tecida no presente de algo que ainda está em processo, provoca novas configurações de um plano ainda por vir. Em outras palavras, precisa ser formada, para que novamente passe pela experiência de desmantelamento da forma.

Neste sentido, a pesquisa cartográfica é, sobretudo, de composição argilosa que na sua composição mistura elementos que não se entregam a representações, visto que se rendem à paixão pelo desconhecido.

Ensaioando a primeira exposição da pesquisa. Expus a proposta de pesquisa à colega, também coordenadora pedagógica da escola. Disse-me com tom de surpresa que considerava o meu projeto ousado e diferente, pelo fato de ser marginal. Escrita que não se “enquadra”. Perguntou-me o como, ou seja, como eu desenvolveria o trabalho, sendo que estava fora da sala de aula? Respondi tontamente: ainda não sei, estou pensando. (Diário de campo)

O diário aponta para outras direções ainda não pensadas a partir dos efeitos produzidos pelos encontros, acentuando problemas que instigam a produção do trabalho investigativo, que está em vias de construção. Neste sentido, “o diário é um produto da pesquisa, mas, sobretudo, um produtor da mesma, operando como um dispositivo que gera saberes e realidades mais do que descreve” (BOCCO, 2009, p.67).

A escrita no diário de campo foi composta de fragmentos ensaísticos de fluxos e experiências rizomáticas. De acordo com Larrosa (2003),

O ensaio não adota a lógica do princípio e do fim, nem começa pelos princípios, pelos fundamentos, pelas hipóteses, nem termina com as conclusões, ou com o final, ou com a tese, ou com a pretensão de ter esgotado o tema. O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade (p.112)

Borrar as fronteiras da representação que comportam significados fixos às palavras e às coisas, marcando identidade e determinações de origem e essência, incita o estilo ensaísta

ao permitir os processos de instabilidade e, por conseguinte, a invenção de novos estilos de escrita, vida e pesquisa.

Um ensaio para a vida e para a escrita. Inseparabilidade. Ambas se nutrem e se potencializam mutuamente. Escrever para fazer nascer o que ainda não existe, ao invés de representar o já dado. Escrita maquinada por afectos, encontros, aligeirada pela vontade de criação. Escrita tecida por agenciamentos, devires e conjugações menores. Escrita artista que ensaia as palavras de um pensamento que está na corda bamba. Feita de silêncios, gritos e murmúrios, coloca em dúvida o próprio pensamento. Descontínuos movimentos, desalinhos que possibilitam “à linguagem deixar de ser representativa para tender para seus extremos ou seus limites” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p.36).

Escreve-se em linhas não tão brancas do diário tudo aquilo que corta e que fura, e vai, aos poucos, tencionando e tecendo as marcas, dando os “sons à escrita” (COSTA, 2006, p.58). Interessa-me, sobretudo, o alargamento da potência que se encontra nas dobras do pensamento, que faz gastar a vida, pois “a única que me espera é o próprio inesperado” (LISPECTOR, 1973, p.67).

O encontro que produz a escrita ensaística segue criando novos contornos às dúvidas que, por sua vez, obram as linhas errantes da pesquisa. Escritas rasuradas pelo esquecimento do tempo baseado no *chronos* (etapas, fases, continuidade, tempo linear). Escrita do devir. “Escrita no presente. Mesmo com uma pequena diferença de tempo, escreve-se sempre no momento mesmo onde se vive e se pensa. Não um escrito posterior, mas um escrito do momento” (HESS, 2006, p.91).

Permissão para nascer! Apresentei a intenção de pesquisa ao diretor da escola em que trabalho. Ao final da rápida conversa, perguntou-me:- Quanto tempo? Senti a dor de uma enorme flecha rasgando o peito. (Diário de campo)

Quanto tempo? A pergunta que consegui tirar o sono durante um bom tempo, mas necessitava respondê-la, tentando encontrar o ponto final. Será que teria neste momento, ou em qualquer momento, um ponto final? Visto que é “do próprio plano que o plano fracasse” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.59), optei pelo meio ponto. Desequilíbrio produzido pelas incertezas de um meio ponto, que bailam de pés descalços no “cerimonial das palavras desacertadas” (LISPECTOR, 1980, p.10). Desestabilização. Respostas se desfazem, se desmancham, se dispersam. A pesquisa perseguia as pistas, os rastros e as marcas de uma escrita que rejeita modelos, procurando dobrar a linha.

Resolvi que ficaria com as respostas tortas feitas de vários “talvez”.

Necessidade de “traçar e percorrer a linha do quase” (COSTA 2006, p.18). O como fazer aconteceu por meio de ‘encontros-pistas’. Uma conversa distraída, feitas de “quase” e “talvez”, foram paridas do ‘sem querer’. Neste sentido, “é preciso, pois, estar suficientemente distraído para que o jogo possa ser livre, não havendo espera de algo que supostamente virá” (COSTA, 2006, p.30).

Ressonâncias de um bando

A ideia de bando de Deleuze e Guattari (1995) foi capturada, pois permite pensar junto, construir com o outro, partilhar dos mesmos desafios, compondo os enredos. Formar um bando com professoras de diferentes disciplinas permitiu produzir os traços desta pesquisa. Com elas, foi possível cartografar as escritas dos(as) alunos(as).

Bando e as escritas. Começo aos poucos a formar um grupo composto de professoras e funcionárias para compor os arranjos desta pesquisa cartográfica que tem como propósito ser construída pelo bando e pelas escritas feitas no diário de campo. Duas colegas com quem conversei aceitaram de imediato me auxiliar. Acolhimento e interesse. Guardei algumas frases na lembrança, pois me marcaram, tais como: “É diferente!” “Tem material bibliográfico”? “Não lembro ler nada deste tipo” “Não sabia que eras tão corajosa”! Próxima atividade: Ver hora atividade das gurias para espichar a conversa. Tempo miúdo. (Diário de campo)

O bando está “formado”. Nada fácil tem sido encontrar brechas para os encontros acontecerem. Contatei com as colegas com quem de certa forma acreditava que podia contar, embora as conversas foram fragmentadas no primeiro momento. O próximo desafio é encontrar um tempo para conversar no meio de tanta correria. Angustiante, acho que vai ser muito difícil. Ontem mesmo li a seguinte frase “Meu fácil me enfada. Meu difícil me guia” de Paul Valéry. Sei lá onde estava esta frase, só sei que ela me afectou, e lembro-me dela neste exato momento. Se elas não existem, precisamos criá-las. URGENTE, COMBINAÇÕES SOBRE O TEMPO. (Diário de campo)

As professoras que aceitaram o convite para participarem da pesquisa eram de diferentes áreas do conhecimento: Matemática, Língua Portuguesa e Literatura, Arte, Geografia, Sociologia, História, Filosofia. Com o início da pesquisa, outra integrante veio compor o grupo.

-Ah! Fiquei sabendo que tens um grupo, é verdade? É a tua pesquisa? Que tem que fazer mesmo? Sabe que sou prática, né? Não precisa nem me explicar em detalhes. Manda lá que

eu faço! (Diário de campo). PS: Fiquei surpresa com a atitude da professora de Física do ensino médio e também professora de matemática das quintas séries.

A primeira combinação do bando foi de ficarmos atentas ao surgimento destas escritas. *-Estava pensando nas escritas do verso das provas, o que tu pensas disto? São marginais? Poderíamos atentar para estas expressões também. Talvez elas te sirvam. (Diário de campo).*

Assim, além das escritas das classes, cadeiras, paredes e portas dos banheiros, incluímos as escritas das provas, geralmente encontradas pelo bando no verso da folha. Segundo o combinado, a atenção se voltaria aos escritos dos trabalhos avaliativos e também às escritas contidas nas margens dos cadernos.

Que dificuldade suspender os discursos! Hoje, percebi o quanto os discursos nos atravessam. Literalmente cai nas armadilhas discursivas! Questões de gênero e de preconceito. Explico melhor: O bando não encontrou escritas nas margens dos cadernos, apenas desenhos que geralmente eram reproduções de alguma marca, por exemplo, símbolo da Nike e da Bad Boy. No meu entendimento, faltavam as escritas. Então, de modo impulsivo, solicitei para alunos da turma da quinta e sexta série alguns cadernos. Mas anterior à solicitação, pensei da seguinte forma: Nos cadernos de meninos encontrarei muitas escritas nas margens, ao inverso dos cadernos das meninas. O que sucedeu foi justamente ao contrário.

Outra questão: dois cadernos eram de alunos repetentes da série; um deles repetiu por duas vezes a mesma série, e, sem dúvida, o caderno estaria repleto de escritas marginais. Fui novamente enganada. Ambos os cadernos eram de um capricho singular - parecem com cadernos que se esperam das meninas, assim pensei - Os outros três cadernos que olhei foram das meninas; uma delas havia reprovado por duas vezes na mesma série, e as outras duas estavam pela primeira vez na série. Em dois cadernos encontrei desenhos na capa, na parte interna do caderno e também nas últimas folhas, rabiscos do jogo da velha, lista de compras, folhas partidas ao meio e pequenos desenhos. No outro, nada do que procurava encontrei, este pertencia à aluna que reprovou duas vezes. Lembrei-me de uma frase da cantora Cássia Eller: “O mundo está ao contrário e ninguém reparou”, talvez esta frase caiba aqui. (Diário de campo)

O trabalho com o bando foi constituído por ‘restos’ de tempo, às vezes conseguíamos tempo para falar da pesquisa, e, nem sempre, o assunto começava por mim. Às vezes, em situações bem informais, aproveitávamos para contar o que se passava ali e acolá com as escritas dos alunos. Importava a nós o fato de aproveitar ao máximo o minúsculo tempo que tínhamos. Passamos a criar nossos espaços de tempo para compartilhar algumas pistas, para

então, elaborar as estratégias. Contávamos com os recursos de fotocópia e (ou) fotografia, além do tempo que criávamos após reuniões e hora atividade das professoras.

O fato de que maioria das professoras tinha a carga horária de quarenta horas e circulava nos três turnos, talvez tenha levado algumas colegas começaram a fazer uso da anotação.

Várias escritas na sala de número três. Veja se interessa. Bem cedo passei os olhos e nada encontrei parece que surgiram assim de repente. OBS: Final da manhã de aula, a professora de matemática leu o número da sala que estava registrado no diário de atividades. A folha do papel inteira do diário destinava-se exclusivamente as anotações da nossa pesquisa. Em forma de esquema, a organização criada por ela consistia em data, número da sala e turma. “Anoto o que vale a pena para nós”. Com outras palavras ela me dizia: “escrevo aquilo que faz o pensamento pensar”. Talvez tenha sido um dos encontros mais belos da pesquisa. (Diário de campo)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia M. Galli. Da intuição ao método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.61, n.1, 2009. Retirado do world wide <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>. Acesso em: 09 de junho 2014.

BENEDETTI, Sandra Cristina Gorni. *Entre a Educação e o Plano de Pensamento de Deleuze & Guattari: uma vida*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. USP. São Paulo, 2007.

BOCCO, Fernanda. *Cartografias da Infração Juvenil*. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2009.

COSTA, Luciano Bedin. *Ritornelos, takes e tralalás*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS. Porto Alegre, 2006.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Critica e Clinica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*, 2006. Disponível em: WWW.oestrangerio.net/esquizoanalise/67-o. Acesso em: 15 junho 2014.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*, v.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. v.4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- HESS, Remi. Momento do diário e diário de momentos. IN: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Mennna Barreto (Orgs.). *Tempos narrativas e ficções: A invenção de si*. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2006.
- KASTRUP, Virginia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. *Psicologia & Sociedade*. Porto Alegre. v.19, n.1, jan./abr, 2007. p. 15-22.
- KASTRUP, Virginia; BARROS, Regina Benevides de. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa - intervenção e produção de subjetividade*. In:____; PASSOS, Eduardo; ESCÓSSIA, Liliana. Porto alegre: Sulina, 2010.
- KIRST, Patricia; ANDREOLI, Giovane Souza. Conhecimento e cartografia: tempestades de possíveis. . *Cartografias e devires: a construção do presente*. In: FONSECA, Tânia M. Galli; KIRST, Patricia (orgs) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p.92-122.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. n. 19, 2002a. p.20-28.
- LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. *Revista Educação e Realidade*. v.28, n.2, jul/dez. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- LARROSA, Jorge. Operação Ensaio: sobre o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. *Educação e Realidade*. v.1, n.29 jan/jun. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- LARROSA, Jorge. Ensaio diário e poema como variantes da autobiografia: a propósito de um poema de formação de Andreas Sánchez Robayna. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Mennna Barreto (Orgs.). *Tempos narrativas e ficções: A invenção de si*. Porto Alegre: Edipuc-RS, 2006.
- LINS, Daniel. Manguê School ou por uma pedagogia rizomática. *Educação & Sociedade*. Campinas, v.26, n.93, 2005. p.1229-1256.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro: Artenova, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. Por não estarem distraídos. In:____. *Para Não Esquecer*. São Paulo. Círculo do livro, 1980.
- LOPES, Denilson. Experiência e Escrita. *Espaço Michel Foucault*. Disponível em: <http://vsites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/artigos.html>. s/d, s/p. Acesso em: 26 junho 2014.
- MAIRESSE, Denise. Cartografia do método à arte de fazer pesquisa. *Cartografias e devires: a construção do presente*. In: FONSECA, Tânia M. Galli; KIRST, Patricia (orgs) Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 259-271.
- RODRIGUES, Carla. *Por uma pop' escrita acadêmica educacional*. Tese (Doutorado). Programa de Pós- Graduação em Educação. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. A cartografia e a relação pesquisa e vida. *Psicologia e Sociedade*. v.2, n.21, 2009. p.166-173.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental. Transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Pesquisar o acontecimento. Estudo em XII exemplos. In: _____; CORAZZA, Sandra Mara; ZORDAN, Paola. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SORDI, Regina Orgler. Os materias de autoria. *Cartografias e devires: a construção do presente*. In: FONSECA, Tânia M. Galli; KIRST, Patricia (Orgs). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003. p. 149-161.

ZORDAN, Paola. Geo-educação: arte, paisagens virtuais. In: _____; CORAZZA, Sandra Mara; SILVA, Tomaz Tadeu. *Linhas de Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.79-126.

ZOURABICHVILI, François. *O Vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

ⁱ Mestre em Educação. Docente no Centro Universitário Univates